

Da urgência de um dispositivo crítico adequado às novas textualidades digitais

Difícil tem sido a adaptação do sistema literário à era digital em que definitivamente se entrou neste terceiro milénio. Qual o futuro da literatura num novo contexto informacional? Uma coisa é certa: se considerarmos como Literatura a expressão estética assente na palavra, e sendo a palavra o átomo semiótico da linguagem conceptual humana, não será certamente o futuro da literatura que está em crise, mas sobretudo o seu suporte e meio de circulação. Isto para além das muitas novas formas de estruturação textual nascidas com o computador. Será que entrámos definitivamente numa era pós-gutenberguiana? “A Literatura foi sempre uma forma de arte admiravelmente adaptável”, lembra Mourão, e numa “cultura de fluxo” como encarar então a sua complexidade e a sua rápida mutabilidade metamórfica? Eis, quanto a nós, a mola propulsora deste livro. Parece que sob o impacto do sistema da comunicação electrónica “a literatura terá deixado, antes do mais, de ser o sistema autónomo em que se refugiara”. Pessoalmente subscrevo inteiramente uma tal afirmação. Pese embora isso a todos os que tentam com o silêncio camuflar a realidade nova que os cerca. Basta olharmos para os jovens nascidos já em plena era da informática para entendermos o quanto eles se distanciam da literatura tradicional: tenha-se apenas em conta o percentual de tempo de leitura e de escrita ocupado por eles na Internet, nomeadamente em blogues, sítios hipertextuais e modalidades várias de comunicação virtual. Nada salvará a Literatura enquanto os seus padrões (ia escrevendo por engano “patrões”) teimarem em se afirmar de um modo descontextualizado em relação ao que a civilização humana está a viver em termos globais.

Nutrido de uma sólida cultura literária e filológica, José Augusto Mourão tem sido uma das raras vozes que se vem interrogando sobre a problemática das novas textualidades no contexto da cultura portuguesa.

Muitos autores na área da chamada “literatura electrónica” se queixam da incapacidade ou mesmo da inexistência de um discurso crítico capaz de abordar as textualidades emergentes. Estou a pensar aqui em Philippe Bootz, por exemplo. Alain Vuillemin teve nisto um papel que foi decisivo no contexto europeu, nomeadamente com a organização em 1994 do 1º Congresso Internacional do que então chamou de LGO (Littérature Générée par Ordinateur), congresso onde pela primeira vez se reuniram em Paris inúmeros criadores e teóricos dos vários continentes, assim se conhecendo e podendo partilhar o seu trabalho quase ignorado e as mais das vezes totalmente solitário. Essa iniciativa constituiu na verdade um grande impulso dado à criação literária assistida ou gerada por computador (LGC), tendo as múltiplas participações sido então reunidas e

publicadas no livro *Littérature et Informatique* (A. Vuillemin e M. Lenoble, Artois Presses Université, 1995). Também a voz de JAM figura entre as poucas que se aventuraram a fazê-lo no contexto da cultura portuguesa. Ele vem ensaiando esse novo discurso crítico, frequentemente alicerçado na filosofia da linguagem, por forma a ajustá-lo ao tratamento das novas textualidades digitais, com particular destaque para a problemática do hipertexto. Este seu novo livro, que desde já quero saudar pelo significativo lugar que ocupará na nossa bibliografia crítica, é disso um exemplo.

Bastará um relance ao “menu” que se nos depara à leitura para desde logo nos sentirmos estimulados a mergulhar na diversidade das temáticas abordadas com espírito interrogativo:

- A ficção electrónica: mudanças e permanências;
- A textualidade electrónica: literatura, generatividade e hiperficção
- Da invisibilidade da escrita electrónica
- Hyperfiction and Science; Retórica do hipertexto
- Hipertexto, reconfiguração narrativa e comunicação
- Tecnologia e Literatura – as máquinas textuais
- Le destin de la textualité dans la pratique de l’hyperfiction
- O autor nunca existiu.
- Comunicação e semiótica: o hibridismo na hiperficção
- Hibridização e literatura
- Reconfigurações da subjectividade – o corpo pós-humano, o meta-autor
- Impressões do corpo na literatura digital
- Kafka no castelo da hiperficção
- A criação assistida por computador
- O fantasma da criação: o que é gerar um texto?
- A ficção electrónica e a e-poetry
- Quid novi

Em *A ficção electrónica: mudanças e permanências*, por exemplo, discute a hipernarratividade face à narratividade linear (a irrupção do descontínuo vital no contínuo discursivo), que aqui se desmultiplica novamente no labirinto da rede textual. Questiona a inadequação dos modelos que se tenta aplicar às textualidades electrónicas, sistematizando um corpo de conceitos que habilite a crítica literária contemporânea a fazê-lo.

Já em *Da invisibilidade da escrita electrónica* é afirmado que “a ciberliteratura é uma escrita criativa produzida para e em rede do meio electrónico que é o computador “. É curioso vermos aqui reemergir a figura de Platão, outrora envolto numa polémica equivalente à que hoje desestabiliza o paradigma gutenberguiano na sua migração para o paradigma digital, onde o computador e a sua Grande Rede Mundial são os novos protagonistas. Será esta deriva civilizacional comparável à passagem da cultura oral para a cultura escrita? Se Sócrates há mais de dois milénios atrás recusava a fixidez mortal do pensamento escrito e por isso nada escreveu, é paradoxalmente através dos escritos de Platão, seu discípulo, que hoje ainda temos acesso às ideias, aos diálogos e ao fluxo do “pensamento vivo”, mas efémero, que o seu mestre defendia. A cultura faz-se destas contradições. Com efeito, lembra Mourão, o mito do *Fedro* evocava a escrita como tendo

sido dada aos homens para vir em socorro da 'fraqueza do discurso': “A escrita destrói a memória, escreve Platão” (Fedro, 274c). Temos de sublinhar aqui a palavra “escrita”, aparentemente usada contra a própria escrita: pois foi Platão quem, usando a palavra escrita, preservou da morte a palavra viva do discurso socrático, salvando-o do risco de se desvanecer na pura oralidade

A História parece repetir-se nesta nossa era de transição entre o papel e a electrónica. Também aqui se tornam indispensáveis livros gutenberguianos como este para explicar o texto electrónico não-gutenberguiano - o paradoxo a fazer o pino?

Da escrita do ar (oralidade socrática), passámos à escrita da água (pré e pós-gutenberguiana), para chegarmos hoje à escrita da luz (processador e ecrã electrónico).

Da obra passamos ao texto e do texto ao intertexto? Ou do texto passamos à obra e da obra ao intertexto?

Referindo Landow, em *Hipertexto, reconfiguração narrativa e comunicação*, é afirmado que assim se infringem as qualidades tradicionais da obra impressa: linearidade, limite e fixidez, ideia que dá suporte à nossa convicção de que a cultura actual está a deixar a era do manuscrito e do linearmente impresso, ou seja a era Gutenberg.

Em outra passagem, referindo, creio, Ted Nelson, diz-se: «A sequencialidade do texto assenta na sequencialidade da linguagem falada e esta na da imprensa e da encadernação». Assim se conclui: «Uma estrutura de pensamento não é por si mesma sequencial. É um sistema de tessitura de ideias». O hipertexto, ao contrário do que por vezes ainda se pensa, mimetiza o próprio processo do pensamento: «ideias em pedaços, dispostas depois na forma de uma apresentação sequencial, é um processo arbitrário».

Eu diria mesmo: raciocinar é dispor linearmente numa sequencialidade causal ou temporal um hiper-epaço conceptual.

Mas as novas textualidades electrónicas não se reduzem ao hipertexto, que é a sua manifestação mais divulgada na Web e também a mais discutida ao longo deste livro. Não esqueçamos que, apesar da poderosa difusão que o hipertexto teve a partir da expansão tentacular da cultura norte-americana, o conceito nasceu na Europa e teve mesmo os primeiros cultores literários em experiências pré-informáticas como o curiosíssimo *Un conte à votre façon* de Raymond Queneau. Uma proto-hiperficção não electrónica.

E tendencialmente mais europeu é também um outro ramo da Ciberliteratura que deriva directamente do experimentalismo combinatório. Os *Cent Mille Millions de Poèmes* de Raymond Queneau figuram uma vez mais como proto-exemplo da ciberliteratura algorítmica e dos futuros geradores textuais automáticos.

Em *Tecnologia e Literatura – as máquinas textuais*, é afirmado: «Num texto estático os critérios de design são imperativos e o texto está sempre limitado a um único ecrã. O texto “vivo”, por seu lado, ultrapassa essas limitações. É, assim, muito mais interactivo que o texto estático [...] ao produzir obras *multimedia*». Daqui emerge um terceiro e amplo ramo do que designamos como Ciberliteratura: a poesia animada multimédia.

Torna-se então crucial distinguir claramente entre a “literatura electrónica” propriamente

dita (conceito que abrange textualidades específicas em estado emergente) e a mera “literatura digitalizada” (processo hoje designado como “re-mediação, no sentido de transposição de meio, o qual se limita a preservar em suporte digital qualquer obra literária tradicional). Embora se tenha vulgarizado uma tal designação, parece-nos assim algo perigosa uma definição como esta: «O livro electrónico é um livro que foi convertido em forma digital ou nela directamente produzido para ser visualizado em ecrã de computador». Entendemos que no contexto em que se insere ela faz todo o sentido. Mas preferiríamos falar aqui simplesmente em “livro digitalizado”, assim se estabelecendo menos promiscuidade com as novas textualidades electrónicas nascidas na era do computador. Daí usarmos o termo “ciberliteratura” (derivada da Cibernética, ciência do automatismo, a partir da raiz etimológica *ciber*, do gr. piloto) ou mesmo “literatura electrónica”, para estabelecer uma tão radical diferença. Mas essa é uma confusão muito generalizada, sobretudo nos meios de comunicação que sempre abordam esta temática com a superficialidade que os caracteriza. Uma pintura de Goya, digitalizada e exibida no ecrã de um computador, faz dela uma obra de ciberarte ou de Goya um ciberpintor?

Consideremos então como Literatura Electrónica a “criatividade informática na sua infinita generatividade” utilizando o computador como “telescópio de complexidade” (conceito de Abraham Moles): ou seja, como máquina que simula e amplifica os nossos procedimentos mentais, entre eles os criativos. É dentro deste âmbito que vamos encontrar textualidades não compatíveis com o suporte estático do papel como sejam o texto generativo, o texto automático, a literatura algorítmica, o texto virtual, a literatura combinatória variacional, a poesia animada por computador, o texto multimédia ou a hiperficção interactiva.

A uma parte destas textualidades se consagra este livro de ensaios dispersos.

Mas os livros vão sobreviver? Provavelmente sim, e por certo durante um tempo imprevisível, mas o mesmo pode não acontecer ao processo criativo que está na sua génese, como bem alertou Umberto Eco.

Tal não contradiz a afirmação peremptória de Katherine Hayles em *Electronic Literature: new horizons for the literary* (Indiana, University of Notre Dame Press, 2008) que no capítulo «Intermediation» declara: «Literature in the twenty-first century is computational. All print books are digital files before they become books; this is the form in which they are composed, edited, composited, and sent to the computerized machines that produce them as books.» Não é contudo a este processo simplesmente computadorizado de produção literária, recorrendo a um computador para obter uma mera imagem fac-similada da página impressa (algo que não altera substancialmente a literatura canónica tradicional), aquilo sobre que neste livro se reflecte.

Importa pois reservar o termo de “literatura electrónica” ou “ciberliteratura” para as novas estruturas textuais que o computador e a rede global permitem hoje conceber, criar, experimentar e desenvolver – hiperficção, hipermédia, poesia animada multimédia, texto automático, obra virtual, literatura generativa variacional, etc. Ou seja, aquela criação literária que, por assentar em novos algoritmos, necessariamente migra da página para o ecrã. E é dessas novas textualidades que o presente livro trata, tentando fornecer alguns

conceitos críticos à sua adequada análise e compreensão.

Convém todavia deixar claro que as textualidades electrónicas não invalidam o discurso linear na sua concatenação lógica ou cronológica. Tal como defende Jean Clément e relembra Mourão: «Não acredito que o hipertexto possa vir a ser o futuro do texto». Razão primeira: «Le récit est pour nous ce qui dénoue la complexité du monde et le remet en ordre.» A "arte de se perder", tão cara a Benjamin, é exactamente aquilo que hoje os percursos do hipertexto possibilitam. *Afternoon a story* é do género da narrativa labiríntica, concebida para que nos percamos nela: «O labirinto hipertextual é uma metamorfose permanente».

É nisto que, a nosso ver, a grande diferença se assume. E a grande diferença é que num suporte electrónico pode hoje caber uma nova concepção de texto que o livro estático não permitia nem permitirá nunca. Reforça José Augusto Mourão: «Da caneta electrónica chegam poemas e histórias que não poderiam ser representadas na obra impressa e que só podem existir na 'cyberpage', esse espaço de escrita infinitamente flexível que oferece o computador.» Não estamos pois a valorizar uma forma, mas um conteúdo cultural assente numa nova estratégia semiótica onde agora a palavra pode facilmente conviver com a imagem, o som e o movimento, tanto quanto uma estrutura textual linear se transmuda numa estrutura textual multidimensional e hiper-espacial.

De que serve então aqui um prefácio como este?

Um prefácio é aquilo que Pitigrilli, com o seu acre humor, definia assim: «Algo que o tipógrafo coloca no princípio, que o autor (ou outro por ele) escreve no fim, e que o leitor nunca lê, nem no princípio nem no fim». Oxalá Pitigrilli se engane no caso deste livro: não por estas supérfluas palavras introdutórias, mas pelo livro que elas desejariam apresentar e antecipar, estimulando a sua leitura integral.

PEDRO BARBOSA

Prefácio ao livro de J. A. Mourão:
Textualidade Electrónica: literatura e hiperficção
Lisboa, Editora Vega, 2009

© Copyright Pedro Barbosa, 2009